

Macroeconomia

Balanço de 2006

Rogério Mori*

O ano de 2006 pode ser caracterizado como de baixo crescimento para o conjunto da economia brasileira. De fato, segundo o IBGE, o resultado acumulado até o terceiro trimestre do Produto Interno Bruto (PIB) apresentou um crescimento de 2,5% em relação ao mesmo período de 2005. As perspectivas indicam para o ano um crescimento não superior a 2,8%, ficando um pouco acima do verificado no ano passado.

O setor agropecuário não foi exceção no conjunto de um desempenho fraco para o País e registrou um crescimento da mesma magnitude. Na margem, o setor também registrou desaceleração: apresentou um crescimento sazonalmente ajustado de apenas 1,1%, o mais baixo dos últimos quatro trimestres.

As razões para esse desempenho estão intimamente associadas ao comportamento das taxas de juros e da taxa de câmbio ao longo do ano. No que tange à taxa de juros, a lentidão na redução da taxa básica por parte do Banco Central contribuiu para dificultar a vida do setor. O produtor defrontou-se com um elevado custo para o crédito no ano e isso afetou seu desempenho em 2006.

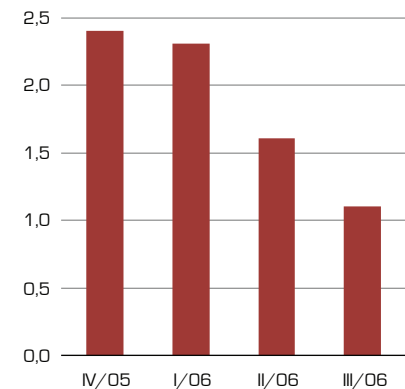
A taxa de câmbio, por sua vez, manteve-se em patamar relativamente estável ao longo do ano, mas consideravelmente apreciada em relação ao verificado em anos anteriores. Tal fato afetou a economia de maneiras distintas e contribuiu para o fraco resultado do ano.

De um lado, a apreciação cambial começou a refletir-se de forma mais intensa sobre o resultado das contas externas do País, em particular na balança comercial. A expansão das importações a um ritmo superior ao das exportações brasileiras traduziu-se em uma contribuição negativa do setor externo para o crescimento econômico. Foi uma clara inversão daquilo que se verificava em anos anteriores.

A dinâmica desse processo sugere que a demanda agregada do setor externo deve intensificar esse fenômeno nos próximos trimestres caso não haja uma inversão do comportamento da taxa de câmbio brasileira. Em outras palavras, na ausência de um maior dinamismo nas demais componentes de demanda agregada, o crescimento econômico brasileiro ainda deverá ser relativamente baixo.

Outro aspecto relevante no que concerne ao comportamento da taxa de câmbio diz respeito ao seu efeito sobre os preços. Nesse sentido, boa parte dos ganhos em termos de inflação baixa em 2006 [*o IPCA deverá ficar bem abaixo da meta de 4,5% do ano*] é resultante do efeito da apreciação cambial. O setor agropecuário foi um dos mais atingidos e isso pode ser verificado claramente pelo comportamento dos preços agrícolas ao longo do ano, com registros de fortes baixas. Não é sem razão o duro golpe sofrido pelo setor e os efeitos desse fenômeno devem se fazer sentir ainda no próximo ano.

PIB Agropecuária (Var. % Dessaz. em Rel. Trim. Anterior)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV-EESP/CEMAP

Ao mesmo tempo, as perspectivas para 2007 ensejam uma continuidade em termos de política econômica ditada pelo governo. Embora tenha ensaiado algumas mudanças na composição da equipe econômica e de uma orientação mais pró-crescimento no segundo mandato, as indicações do presidente Lula são de que nada de significativo irá mudar. Em outras palavras, o conservadorismo e a ortodoxia do primeiro mandato deverão, ao que tudo indica, ser mantidos nos próximos quatro anos.

De um lado, isso representa uma aposta no plano desenvolvido nos últimos anos, favorecido fortemente por um ambiente externo extremamente benigno e livre de crises econômicas agudas. De outro, essa aposta representa a continuidade sem avanços significativos nos elementos mais positivos na condução da política econômica, em particular nas políticas monetária e cambial.

Isso tudo sem mencionar o direcionamento da política fiscal. A urgência da necessidade de corte de gastos e da retomada dos investimentos públicos com maior vigor, aliados a uma gradativa redução da carga tributária em alguns anos, parece ter sido deixada de lado ante os entraves burocráticos deparados pelo governo. Em outras palavras, em 2007 devemos ter apenas “mais do mesmo”. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (CEMAP) da FGV-EESP